

PensArteCorpo: a produção da Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*¹

Ursino Neto

*“Sempre preferi interrogar e submeter à prova os próprios caminhos. (...) ‘Este é agora o meu caminho; onde está o vosso?’ Era o que eu respondia aos que me perguntavam ‘o caminho’. Que o caminho ... o caminho não existe”. (Friedrich Nietzsche, **Assim falou Zaratustra**).*

*“O sentido de quem somos, depende das histórias que contamos aos outros e das que se conta a nós mesmos”. (Jorge Larrosa, **Tecnologias do Eu e Educação**).*

*“Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo”. (Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas**).*

SUMÁRIO

- I Considerações preliminares
- II PensArteCorpo
 - 2.1 Pensamento
 - 2.2 Corpo
 - 2.3 Arte
- III Fontes da produção do PensArteCorpo
 - 3.1 A experiência de si
 - 3.2 O desejo
- IV Considerações finais

I Considerações preliminares

Ética-da-vida ou *aionética* é um novo sentido de bioética. Trata-se de um saber ético relativo à dimensão do *Ethos*, do caráter, do modo de ser, da *forma-de-vida* no contemporâneo.

¹ Texto didático (Graduação 2022.1): uma referência para produzir o exercício ético da experiência de si ou PensArteCorpo.

A invenção de um novo sentido implica o desafio de produzi-lo; consequentemente, se lança o problema essencial: qual é o método ou como se elabora, como se produz o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*?

Para responder adequadamente, se fará uma prévia contextualização histórica sobre o tema do método.

Desde o século VI a.C. na Grécia clássica, berço cultural do Ocidente, o advento da filosofia como linguagem e pensamento (*logos*) superou o fenômeno mítico na produção do conhecimento humano.

Essa tarefa foi realizada por intermédio de um conjunto de etapas articuladas: o método (*methodo*).

Em grego, a palavra *methodo* é constituída pela justaposição de dois vocábulos: *meta* (para, além) e *hodos* (caminho ou via) significando “caminho para” ou “via além”. O princípio desse procedimento intencionava alcançar a verdade.

O processo articulado era pautado em dois modelos: a indução (aplicado ao saber da medicina) e a dedução (referente ao saber da matemática).

Naquela época, em linhas gerais, o conhecimento era dividido em três vertentes: a primeira abrangia os saberes referentes à Natureza (*Physis*).

O saber da “Física” (relativo à Natureza) inaugurou o processo explicativo da realidade inerente ao mundo ou Cosmos (*Kosmos* significa “ordem bela”, “harmonia”); em outras palavras, o mito que imperava na cultura como algo alusivo ao sobrenatural ou ao oculto foi desvelado.

A segunda concernia aos múltiplos saberes aplicados às condições variegadas da vida, dos animais, do homem e da sociedade.

Eles apreendiam um amplo espectro perfazendo da medicina à política, passando pela arquitetura, estratégia militar, navegação etc.

Aqueles saberes se constituíam em três diferentes tipos: a *techné* como um *saber-fazer*: um manuseio, uma atividade cujo fim não se encontrava nela (como a medicina); a *práxis* como um *saber-efetivar*: um ato, uma conduta cujo fim se encontrava nela própria (como a política) e a *poiésis* como um *saber-produzir*: uma obra qualquer (literatura, escultura).

Inserido nesse contexto, o saber adquirido do questionamento originário de Sócrates sobre o “exame da própria vida” ou sobre o “cuidado com a própria alma” foi interpretado como *práxis* e denominado, posteriormente no decorrer da história, de “ética”.

A terceira vertente do conhecimento advinha da contemplação. *Theoria* (de etimologia oriunda de *theos*, deus) era a denominação da busca para compreender a verdade como o sumo Bem, indicando uma fonte original divina e se constituindo como um saber teológico (evidentemente, não relativo à teologia atual).

Na Modernidade, o processo construtor e o produto do conhecimento humano mudaram, pois o paradigma passou a ser o método científico.

A este método foi agregado um valor jamais alcançado por qualquer saber da Antiguidade: o poder. Uma frase proveniente do século XVI - “saber é poder”² - ainda repercute no senso comum atual.

O poder é o responsável por inserir na cultura ocidental o nome de um saber acima de todos os outros: ciência.

² Frase de Francis Bacon (1561-1626), filósofo e político inglês, precursor do método científico. No contemporâneo, Michel Foucault faz uma interpretação magistral articulando saber e poder.

O poder adquirido pela ciência moderna obnubilou, extinguiu saberes e, sobretudo, impôs uma obrigação, uma subserviência ao regime do modelo científico a qualquer saber aspirante à difusão social que, presumivelmente, se reveste de um determinado poder e também aspira obter o reconhecimento do *status quo*.

A razão moderna é o fundamento do modelo de ciência tradicional. Tal formato se pauta no binário “sujeito-objeto” sendo o conhecimento produzido por representação.

Em primeiro lugar, se garante a figura do “eu racional” como o sujeito que conhecerá aquilo a ser investigado. Em tal plano, a realidade é representada por qualquer coisa como um objeto.

Exemplificando, no campo da exterioridade: uma pedra, uma planta, um pássaro ou um ser humano são representados como o “outro” (classificado e tipificado em legendas de objetividade) e na dimensão da interioridade ou da subjetividade: o próprio indivíduo é tornado objeto como o “si mesmo” (também classificado e especificado em rótulos de autoconhecimento).

Nessa leitura, o método enquanto processo de elaboração do conhecimento se constitui a partir de uma predeterminação para atingir um objetivo e o sujeito da pesquisa realiza um protocolo de procedimentos visando a uma descoberta.

O resultado poderá adquirir o selo de “científico” e, com isso, integrar o rol de disciplinas³ que estabelecem um molde à vida humana, pois aplicadas tanto como “norma” (gerando normatização) quanto como uma “verdade” considerada “normal” (gerando normalização).

Esclarecido o tema, se põe o problema de partida: sendo o saber da *ética-da-vida* ou *aionética* relativo à dimensão do *Ethos*, o método científico é adequado para produzi-lo?

Resposta sucinta: Não.

A justificativa é de definição conceitual: o *Ethos* não é o “sujeito”, nem o “ego” e tampouco o “eu racional”.

Ethos é o modo de ser pertencente ao indivíduo, uma característica singular ou o caráter, a singularidade própria do sentido de ser dele/a e se expressa como uma forma de vida humana.

Ora; por princípio: o pertencimento, o modo de ser, a singularidade do sentido de ser e a forma de vida são relações; sendo assim, o *Ethos* é uma relação e jamais poderá ser enclausurado em algo pontual, mensurável ou determinado como um “objeto”.

Portanto, o modelo proveniente da racionalidade moderna não é alicerce para a construção do saber ético almejado pela *ética-da-vida* ou *aionética*.

Então, ao se recusar tal procedimento; é necessário, se colocar o desafio de inventar um novo método com as características de constituição do *Ethos* que sejam contemporâneas.

António Damásio⁴, neurologista português que leciona nos EUA, é uma referência para o nosso método desde o seu primeiro trabalho sobre a hipótese do marcador somático característico da emoção.

³ O conceito de “disciplina” será estudado em texto didático posterior.

⁴ Cf. DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

A síntese da sua perspectiva original é: “conhecer não significa necessariamente sentir”.

A assertiva damasiana tem uma força interpretativa cristalina: a elaboração do conhecimento humano é um processo complexo e não somente cognitivo.

Em outras palavras, para o ser humano, a condição de possibilidade para gerar o cognoscente, isto é, algo que pode ser conhecido pelo homem, exige uma dimensão perceptiva prévia (emocional) que com ele (o cognoscente) se conjuga.

Então, o repto que o método da *aionética* se propõe é a ultrapassagem da dicotomia entre o conhecer e o sentir, o cognitivo e a emoção, o ser da consciência e o ser da vida; enfim, entre a técnica e a ética.

Ou seja, se almeja atingir aquilo não identificado pela mensuração da objetividade: o algo que se experiencia do percebido pelo si mesmo.

Isso será alcançado por intermédio de um exercício ético chamado PensArteCorpo buscando adquirir sabedoria de vida.

Portanto, o objetivo do texto didático é compreender o PensArteCorpo como o método que elabora e produz o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*.

II PensArteCorpo

O método ou o “caminho para” produzir o saber da *ética-da-vida* ou *aionética* tem início pelo problema.

A etimologia grega do termo assinala o seu radical - *blema* - como derivado do verbo *ballo* (lançar, jogar, arremessar). Então, o modo de produzir o saber que se intenciona será lançando adiante o questionamento ou problema e, durante o processo de crítica e investigação dele, em busca do esclarecimento, da resposta, se constituirá a dimensão ética do agente (relativa ao *Ethos*) oportunizada no percurso efetivado (método).

A fonte originária do método da *aionética* concerne à relação entre vida (concebida como *aión*) e ética (como o saber do *Ethos* ou da experiência de si).

Eles se conjugam entrelaçando e tecendo a ultrapassagem da simples condição biológica (*bio*) do ser humano com a sua característica subjetiva do tempo cronológico (passado, presente, futuro) para adquirir o sentido da duração da vida (*aión*), da força vital como referência do espaço-tempo (presente eterno) vivenciado na imanência⁵.

O desenvolvimento da análise do parágrafo acima é uma exigência impertinente aos limites deste texto didático; entretanto, quem se sentir desafiado a buscar além, poderá iniciar lendo o livro⁶ de Richard Feynman (1918-1988), físico americano, Prêmio Nobel de Física em 1965, principalmente, o capítulo sobre espaço-tempo.

E depois, estudar o último artigo⁷ escrito por Gilles Deleuze. Texto belíssimo, porém complexo e difícil: *A Imanência: uma vida...*

⁵ Palavra oriunda do latim: *Immanens* (de *im* [em] e *manere* [habitar, permanecer]: “permanecer dentro”) significa a presença interior de algo.

⁶ Cf. FEYNMAN, R. P. *Física em 12 lições: fáceis e não tão fáceis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

⁷ Cf. DELEUZE, G. *A Imanência: uma vida...* *Philosophie*, n.º 47, 1995, p. 3-7. Traduzida e publicada no Brasil em *Educação & Realidade*, v. 27 n.º 2, 2002.

Nele, o filósofo francês parte do questionamento sobre o campo transcendental de Kant; porém, ao indagar - “O que é a imanência?” -, recorre à literatura de Charles Dickens para melhor clarificar a sua resposta: “Uma vida...”. (Grifo meu).

A característica da imanência se efetiva como um instante, um entretempo e se pauta pelo movimento de viver a própria vida impulsionada pelo afeto da alegria, uma força de valor, uma vontade de potência ou uma vontade de liberdade.

O aprendizado da *aionética* é produzido no exercício pelo qual o próprio agente se modifica e o incorpora como uma sabedoria de vida.

Trata-se de um exercício ético (do *Ethos*) ou de uma experiência de si, um ato genuíno do homem inserido de cultura e postulante à formação humana para a vida.

Para isso, um nome foi inventado: PensArteCorpo. Esta palavra é um neologismo, uma figura de linguagem - oxímoro - em que se destacam três signos, sendo dois considerados contrários pela tradição cultural do Ocidente: o pensamento e o corpo.

No entanto, para a *ética-da-vida* ou *aionética*, eles estão em simbiose e congeminações pelo terceiro: a arte.

O que significa e qual o sentido do PensArteCorpo?

O significado se elabora no exercício experiencial em que a arte estabelece um “fluxo entre” o que aparenta anteposição (pensamento $\times$ corpo), tornando vigente algo na relação entre os dois (pensamento $\underline{e}$ corpo).

O sentido do PensArteCorpo se constitui na atividade em que o produto e o próprio ato de produzi-lo se expõem em uma concepção entrelaçada; em outras palavras, a tarefa é, ao mesmo tempo, o desconstruir (pela crítica) e o resultado do processo de construção do saber ético (pela invenção de si).

O que se põe na arte e eclode como presença e signo é uma ponte, uma passagem, um poro, uma relação, um *devir* (Deleuze), um *Si-mesmo* (Nietzsche), uma *forma-de-vida* (Agamben).

Os constituintes do PensArteCorpo são pensamento, corpo e *arte*⁸.

2.1 Pensamento

Para o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), o que caracteriza o pensamento é o perceber.

“Perceber é a tradução da palavra grega *noein* que significa: captar algo presente”⁹. Tal captura destaca este algo e o toma como vigente.

Para a filosofia, o processo de produzir algo vigente pôr-se para nós é a tarefa da representação que se caracteriza pela faculdade de perceber e se chama *razão*.

Para as neurociências, uma tarefa do processo do *self* (especificamente, do *self central*).

O filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) destaca no processo de pensar o ponto de partida oriundo da sensibilidade, seguindo-se a imaginação, ou seja, a capacidade de formar imagens que leva à memória, finalizando com o pensamento¹⁰.

⁸ A análise dos três componentes perpassará os próximos textos.

⁹ Cf. HEIDEGGER, M. **O que quer dizer pensar? in Ensaios e conferências**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008, p. 121.

¹⁰ Cf. DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009, p. 210.

Todavia, é necessário sublinhar: pensar não é uma capacidade específica do ser humano, uma característica exclusiva e irreduzível da consciência de um “sujeito” ou de um “eu”.

De imediato, compreende-se o pensamento como estando associado à função cerebral em que se consideram duas atividades: aquela processada na materialidade celular e a outra caracterizada pela experiência que cada indivíduo faz ao pensar, ou seja, o fluxo permanente do pensamento passando pela sua mente a cada instante. Mas, isso não é tudo.

Pensamento é uma conjugação de funções do cérebro, do corpo, da mente, da consciência e do inconsciente.

A mente é um acontecimento que produz pensamentos (ou ideias). Tudo o que eclode na mente sob a forma de um deles (pensamento ou ideias) é oriundo não só do cérebro, mas de componentes estruturais de todo o corpo, expressando determinado estado e contexto do organismo como um conjunto¹¹.

A mente e a consciência não são o mesmo, diferem de conteúdo e função.

A consciência é um processo que enriquece a mente com a possibilidade de torná-la ciente da sua própria existência.

O cérebro é uma composição de sinais corporais, a mente é feita destes mesmos sinais e os três juntos (cérebro, corpo e mente) desempenham variadas tarefas úteis para o organismo.

Eles são uma tríade indissociável: cérebro-corpo-mente.

A partir deste ponto, se exige uma crítica do significado e do sentido do pensamento, respaldada em vários autores. Aqui somente o registro sintético.

O ato de pensar significa algo que se dá em um intervalo, no entretempo do que passou e do que virá; não se trata de um contexto absolutamente definido, determinado e limitado, porém um gesto de exposição às forças e ao acaso.

Para a *aionética*, o sentido do pensamento se constitui como uma tarefa que não se prende à estática da consciência de um sujeito, mas sinaliza a própria experiência da busca. Trata-se de uma invenção.

Assim sendo, em vez de simplesmente representar o que já está dado como no método científico; no *PensArteCorpo*, se faz eclodir a “apresentação” do que ainda não é atual, se inventa a possibilidade emergente da potência da vida, pois nesta possibilidade se encontra a autêntica presença de algo que se busca.

Em suma, no nosso método, pensar é a experiência de inventar o que se procura, isto é, de se fazer eclodir o encontrado (do latim, *invenire*).

2.2 Corpo

A cultura ocidental conviveu com o dualismo corpo x pensamento, corpo x alma ou corpo x mente desde as seitas místicas (orfismo, pitagorismo) até a sedimentação estabelecida pelo embasamento da concepção filosófica de Platão.

Entretanto, para nós, o ato de pensar não é separado do corpo¹².

¹¹ Cf. DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 209.

¹² Cf. DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 218.

Benedictus Espinosa (1632-1677) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) foram dois extraordinários filósofos que ultrapassaram aquela dicotomia tradicional com interpretações radicais (de raiz, concernindo à essência do ser ou ontologia).

Ambos se posicionaram contrários à tradição hegemônica do pensamento de sua época, principalmente do conteúdo imposto pela moral e pela religião.

No que concerne a Espinosa, a filósofa francesa Chantal Jaquet explica: “o termo *mens* [mente] não designa nada além da percepção, ou, mais exatamente, do conceito, que o homem se faz do seu corpo – e, por extensão, do mundo exterior –, através dos diversos estados que o afetam”¹³.

Há um paralelo, uma relação de “igualdade” entre a mente (a ideia) e o seu objeto (o corpo) porque os elementos do segundo correspondem ao que se encontra na primeira.

Contudo, atenção, tal “igualdade” não implica identidade de natureza, mas significa o modo de expressão de algo que se é afetado ou daquilo que se sente é o mesmo, tanto em um atributo (a mente) quanto no outro (o corpo).

Portanto, tudo o que se registra no corpo tem um registro equivalente na mente.

Para o filósofo argentino Miguel Barrenechea, Nietzsche “revaloriza o corpo e, em consequência, a terra negando a existência do além e de qualquer substrato anímico de pretensa origem transcendente.”¹⁴

Nietzsche escreveu em *Assim falou Zaratustra*: “Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se *Si-mesmo*. Habita no teu corpo; é o teu corpo.”¹⁵ (Itálico nosso).

Para ele, o corpo é a grande razão. O pensamento, as ideias, os valores são provenientes de experiências corporais vividas. O corpo transfigura a dor ou a alegria em conceitos. O ser humano se insere na vida pelo seu corpo, sendo este o agente que busca com tenacidade crescer em sua potência.

É necessário destacar a análise genealógica de Michel Foucault (1926-1984), desvelando o uso da disciplina não somente como punição; mas, sobretudo, como instrumento do biopoder, fazendo do corpo o alvo de uma tecnologia política, de uma microfísica do poder¹⁶.

2.3 Arte

O método do PensArteCorpo busca uma linguagem peculiar atendendo à exigência de enunciar uma dimensão especial característica prioritária do *Ethos*, da singularidade humana, do modo de ser, da *forma-de-vida*.

Qual é a linguagem que compreende e expressa o algo percebido pelo exercício ético da experiência si e que não é determinado pela mensuração objetiva?

¹³ Cf. JAQUET, C. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 22.

¹⁴ Cf. BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 10.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 44.

¹⁶ Cf. COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Gilles Deleuze indica o caminho para a elaboração da resposta ao indagar se na construção do pensamento interpretativo da realidade existe algo além do objeto e do sujeito.

Para ele, o algo anterior à composição dicotômica metodológica (sujeito-objeto) são signos imateriais que “ultrapassam tanto os estados da subjetividade quanto as propriedades do objeto.”¹⁷

Sem dúvida, a linguagem que expressa tais signos imateriais (figura, som, imagem etc.) é a arte.

Nela, duas referências se destacam:

A primeira diz respeito à atividade de produção, isto é, resgatando a concepção grega clássica de *poiésis*: a arte é um *saber-produzir* resultando em uma obra.

A segunda concerne à sua natureza: a arte é um afeto que nos sensibiliza.

A arte é uma forma de sinalização, de apelo, de solicitação, de mensagem capaz de despertar-nos para a crítica do oculto ou do invisível nas dimensões do social e do político e, naturalmente, para a descoberta de valores éticos do indivíduo.

Enfim, a arte expande a fronteira do enigma do ser humano e o auxilia na busca de dizer o inominável da vida e do viver.

3 Fontes da produção do PensArteCorpo

3.1 A experiência de si

A experiência de si é a fonte originária do PensArteCorpo.

O significado da palavra experiência, oriundo da etimologia do latim, é um fenômeno extraordinariamente belo e enriquecedor para o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*, pois a partir dos signos inerentes no próprio vocábulo, se compreenderá o sentido que será desconstruído, remodelado, investido e inventado pelo exercício do PensArteCorpo.

A experiência¹⁸ como um acontecimento se inicia pelo “ex” de existência, de exterior, de exílio, de êxtase. Neste “ex” se acolhe a dimensão do outro, do diferente, do “fora”¹⁹.

O que compõe o “per” é o percurso, um “passar através” de um poro indo além; é um trajeto por entre os saberes que constituem a *forma-de-vida*; é uma passagem, um deslocamento, uma viagem na qual o agente da experiência se prova e se molda.

Em tal movimento, há o risco expresso no próprio significado do verbo latino *experior* (experimentar, fazer um experimento, uma experiência) em que o *experiri* contém o *periri* (tentar) e neste está inserido o *periculum* (perigo), ou seja, não há segurança na tentativa: realizar a prova sempre será um risco ou uma ameaça.

A experimentação inerente à vida é perigosa, o abismo é o invisível que nos cerca ao viver.

Contudo; a literatura, a poesia, a arte em geral nos ensinam pérolas de sabedoria para ver além e viver melhor:

¹⁷ Cf. DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 35-36.

¹⁸ Cf. LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

¹⁹ O conceito do “fora” será estudado em texto didático posterior.

“Onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva” Friedrich Hölderlin (1770-1843), filósofo e poeta alemão.

“O senhor escute o meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.”²⁰

A experiência é o ato que se caracteriza pelo mover-se na vida, pelo intrínseco do que acontece em uma vivência, pelo sentimento da condição de incompletude do transitório; mas, sobretudo, pelo superar-se.

Assim, para o homem, a experiência é um *acontecimento-apropriativo* da vida. Em sentido amplo, uma experiência para o ser humano se constitui quando uma determinada atividade se efetiva como um valor contendo significado, sentido e incorporando-se ao self autobiográfico. Tal conteúdo é singular, contingente, histórico.

No nosso módulo, será enfatizada a crítica do conceito de sujeito, partindo da concepção de Jorge Larrosa²¹.

Para o filósofo espanhol, o que se denomina sujeito é o ser humano capaz da “experiência de si”.

Este sintagma que se encontra desde o senso comum ao campo filosófico tem vasta expressão na linguagem: “autoconhecimento”, “autorreflexão”, “autocontrole”, “autorregulação”, “autonomia” etc.

Estes termos, embora indiquem horizontes interpretativos diversos, indicam formas de relação do self autobiográfico; em outras palavras, do “sujeito consigo mesmo”, designando um traço, um caráter definidor da espécie humana.

A dimensão da subjetividade na cultura ocidental se constituiu a partir de tal relação. Aqui os dispositivos²² institucionais (pedagógicos e terapêuticos) são determinantes no sentido de produzir uma gramática para a autointerpretação e para a expressão da própria identidade.

É necessário reforçar o significado da singularidade do indivíduo, mas também o modo possível de vivermos juntos, apesar das diferenças.

Michel Foucault, em trabalho de pesquisa magistral, fez a articulação, distinguindo e relacionando, os conceitos de saber e de poder, explorando-os como constituintes fundamentais dos dispositivos que produzem o sujeito até à dimensão do “assujeitamento”.

Ele tornou clara a relação entre aqueles conceitos, reconhecendo a normatividade e a forma de subjetivação em um *locus* espaço-temporal concreto (escola, hospital, prisão etc.).

Com isso, se desvelou uma gramática para a autoexpressão que se constitui ao mesmo tempo no agente produtor e na sua própria experiência de si.

A experiência de si é uma narração em sentido implicativo, isto é, trata-se de um diálogo desdobrando narrativas: aquelas que contamos para os outros e as que narramos para nós próprios.

²⁰ Cf. ROSA, JG. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 585.

²¹ Cf. LARROSA, J. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T.T. (Org.) **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

²² Conceito de dispositivo: um conjunto de elementos constitutivos de uma rede que articula e relaciona uma determinada instituição a suas regras, leis, medidas de segurança, discursos, pensamento estratégico e o próprio *habitus*. Todos expressando um signo de poder.

A subjetividade é uma composição de três dimensões: o autor, o narrador e o personagem, sendo as três constitutivas do mesmo indivíduo, do seu processo de *self* (*protosself*, *self central* e *self autobiográfico*)²³.

Com o advento da modernidade, a experiência de si foi enclausurada na racionalidade científica e na norma; por isso, é necessário que se faça uma arqueologia problematizando o conteúdo não somente do conceito de natureza humana ou do conjunto de ideias sobre o comportamento do homem em cada cultura; mas, sobretudo, questionando aquilo que nos faz reconhecer o que somos ou o que se é.

Para nós, a experiência de si possibilita ao indivíduo vivenciar a si mesmo como um exercício ético visando à transformação do seu ser “assujeitado”.

3.2 O desejo

Outra fonte do PensArteCorpo é o desejo como vontade de liberdade.

O conceito de desejo é interpretado pela tradição da cultura ocidental como um sentimento que busca preencher uma lacuna, suprir uma falta, fazer presente uma ausência.

Isso está evidente em um dos mais belos textos da literatura filosófica de todos os tempos: o *Banquete*, de Platão.

Em termos atuais, no amplo campo da psicologia e da psicanálise, se diz que a representação de tal lógica é a tensão de um “sujeito” em direção a um “objeto”.

Nesse contexto, o desejo é subordinado a um fim que, distinto dele, o atrai e o impulsiona a possuí-lo.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1930-1992, médico, psicanalista) propuseram outra concepção. Para eles, o desejo é uma atividade de produção, uma experimentação incessante, uma montagem experimental²⁴.

Roberto Machado compreende a interpretação dos autores franceses como uma crítica a todo pensamento ou instituição que reduz e enquadra o desejo na representação, na lei ou na falta.

O filósofo brasileiro sintetiza e escreve: o desejo é “máquina, processo de produção – máquina desejante, processo de autoprodução do inconsciente – que não é interior a um sujeito, nem tende para um objeto. O inconsciente produz, é uma fábrica, e não uma cena de teatro onde se representa um drama.”²⁵

Para nós, o desejo é vontade de liberdade, vontade de potência, impulso de produzir-se, ser melhor, expandir a sua *areté*.

Ele não é dado previamente nem é oriundo exclusivamente da subjetividade, pois ele é um movimento, uma relação, um encontro do interior com o fora, um “fluxo entre”.

O desejo se produz na existência da própria vida em seu plano imanente de engendramento e de encontro.

Tal acoplamento é mobilizado pela força do afeto que oportuniza aos seres humanos a possibilidade de potência da sua própria singularidade como motivação e propósito.

²³ Cf. O texto didático *O conceito de Bioética como Ética-da-vida ou Aionética*.

²⁴ Cf. ZOURABICHVILI, F. **Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009, p. 69.

²⁵ Cf. MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 20.

O afeto da alegria, resgatando Espinosa, proporciona a vontade de liberdade, pois nos faz viver outro modo de ser: o de *Deus* ou o da *Natureza* ilimitada.

Resumindo, com o desejo se experimenta os verbos da vida (amar, cantar, dançar, estudar, trabalhar, viver etc.), se produz o *Ethos*, se inventa um mundo seu.

Enfim, para a *aionética*, a individuação do organismo desejante que possibilita a atualização, isto é, a presença real do indivíduo e da sua singularidade no plano da imanência constituindo o seu si ou a sua própria *forma-de-vida* precede a dicotomia sujeito-objeto do pensamento racional moderno.

4 Considerações finais

A ultrapassagem da dicotomia entre o conhecer e o sentir, o cognitivo e a emoção, o ser da consciência e o ser da vida; enfim, entre a técnica e a ética é o desafio que o método da *ética-da-vida* ou *aionética* se propôs.

Em outras palavras, se intenciona vivenciar o algo da experiência de si percebido, porém não identificado pela mensuração da objetividade.

A problematização de Sócrates sobre o “exame da própria vida”, o “conhece-te a ti mesmo” ou o “cuidado de si” é a origem do saber ético como um exercício de sabedoria de vida.

A *aionética* resgata do oblívio a força originária daquela sabedoria: a *areté* concebida como “excelência”, o “melhor valor” de alguém ou a “força própria do ser” e dela, como potência intrínseca da vida, cunhou o seu método: o PensArteCorpo.

Trata-se de um exercício ético, uma experiência de si, uma atitude resistente ao que é imposto como um molde de “assujeitamento” da nossa subjetividade contemporânea.

Fazendo analogia com uma metáfora nietzschiana, o PensArteCorpo critica o que nos torna “camelo”, ou seja, o poder arbitrário que determina o peso da norma com um selo absoluto guiando a vida, enfrentando-o como um “leão” e, acima de tudo, possibilita a eclosão do tornar-se “criança” na liberdade que nos torna um ser humano para além daquilo que vimos sendo formatados pelo biopoder.

Concluindo, o PensArteCorpo é o método que constitui o *saber-efetivar* da *ética-da-vida* ou *aionética* como um gesto de transformação educadora para a vida, uma atividade de desconstrução e de invenção de si para a liberdade.

Ele é uma *desconstrução* que critica e rompe com a harmonia do senso comum, desestabilizando as falsas certezas; mas, também uma *invenção*, pois se move no verso²⁶ que faz do perigo brotar a salvação, produzindo e potencializando o ser humano no próprio ato de viver a experiência que o molda.

Portanto, o signo de linguagem inventado, o oxímoro PensArteCorpo, guarda o sentido da arte eclodindo como uma sinapse infinita da invenção do pensamento como liberdade e do corpo como fio condutor do método que produz o modo de ser, o *Ethos*, a *forma-de-vida* como uma relação de valor coletivo.

²⁶ “Onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva” (Hölderlin).